



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Educação

ESCOLA ESTADUAL DE
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL - EEEP
ENSINO MÉDIO INTEGRADO À EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

CURSO TÉCNICO EM LIBRAS

LITERATURA SURDA



**GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ**
Secretaria da Educação

Governador

Cid Ferreira Gomes

Vice Governador

Domingos Gomes de Aguiar Filho

Secretária da Educação

Maria Izolda Cella de Arruda Coelho

Secretário Adjunto

Maurício Holanda Maia

Secretário Executivo

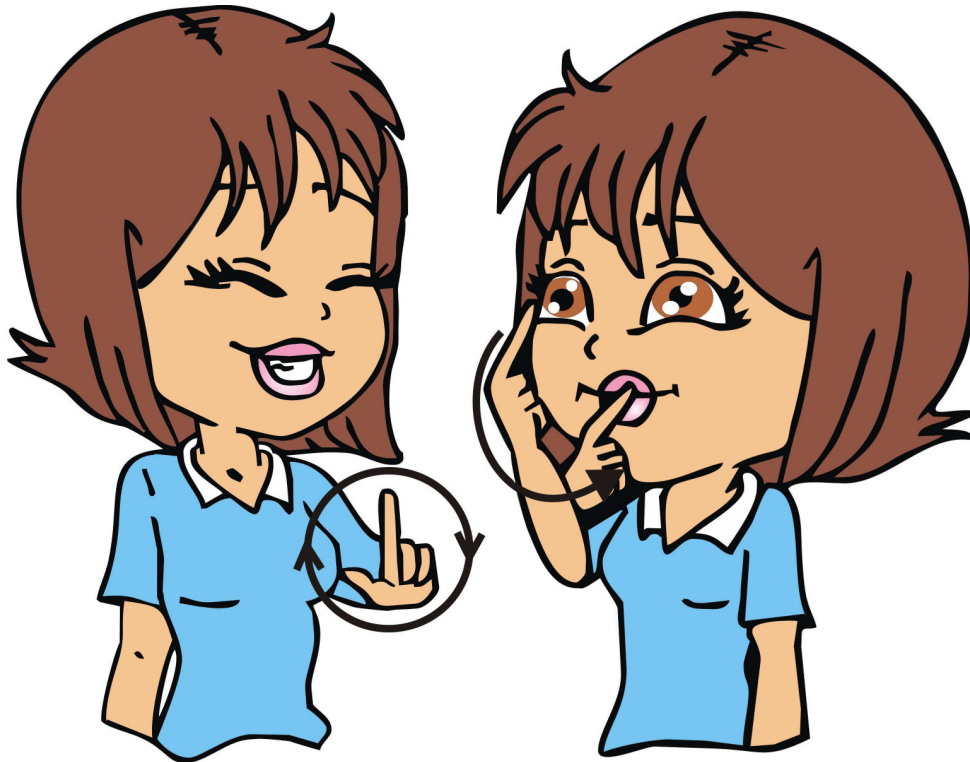
Antônio Idilvan de Lima Alencar

Assessora Institucional do Gabinete da Seduc

Cristiane Carvalho Holanda

Coordenadora da Educação Profissional – SEDUC

Andréa Araújo Rocha



LITERATURA SURDA

**FORTALEZA/CEARÁ
FEVEREIRO DE 2013**



**GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ**
Secretaria da Educação

Coordenação Técnica Pedagógica:

Mariana Farias Lima

Willer Cysne Prado e Vasconcelos

Equipe de Elaboração:

Mariana Farias Lima

Willer Cysne Prado e Vasconcelos

Colaboração:

Francisca Aldenisa Peixoto da Silva

Sumário

Apresentação.....	4
1. Literatura.....	5
2. A importância da literatura surda para a criança surda.....	12
3. Possibilidades encontradas.....	13
4. O poema surdo.....	16
5. Fábulas	18
6. Contos de fadas.....	24
Referências Bibliográficas.....	31

Apresentação

Este material, que apresentamos a partir de agora, nos convida a dar continuidade aos estudos em Libras, aprofundando os conhecimentos com novos conteúdos que irão complementar aqueles estudados anteriormente. Os temas escolhidos são muitos interessantes e estimulantes e irão fazer com que você queira descobrir cada “mistério” da Língua de Sinais Brasileira. Sabemos que você vai explorar cada assunto e, assim, tornar-se um profissional muito mais qualificado e habilitado quando do término deste curso, aproveitando para aplicar cada aprendizado em sala de aula com alunos surdos e não surdos.

Na disciplina “Literatura Surda”, vocês conheceram os momentos mais importantes e a produção escrita mais significativa da Literatura Brasileira desde 1500. Estudaram e leram crônicas, poemas, narrativas. A Literatura surda tem uma tradição diferente, próxima a culturas que transmitem suas histórias oral e presencialmente. Ela se manifesta nas histórias contadas em sinais, mas o registro de histórias contadas no passado permanece na memória de algumas pessoas ou foram esquecidas. Assim, estamos privilegiando a literatura surda contemporânea, após o surgimento da tecnologia, da gravação de histórias através de CD, DVD ou de textos impressos que apresentam imagens, fotos e/ou traduções para o português. O registro da literatura surda começou a ser possível principalmente a partir do reconhecimento da Libras e do desenvolvimento tecnológico, que possibilitaram formas visuais de registro dos sinais.

Este Material é um instrumento pedagógico que se constitui como um mediador para facilitar o processo de ensino-aprendizagem em sala de aula.

Mais uma vez, contamos com sua disponibilidade e interesse para aventurar-se nessa viagem fantástica que ao mundo da Literatura que começa agora...

Bom trabalho a todos e todas!

1. LITERATURA

Houve um tempo em que a humanidade perpetuava as memórias de um povo e transmitia o conhecimento de uma geração para outra através da contação de histórias. Tal tradição, conhecida como tradição oral, propagava os acontecimentos em determinado período, tempo, lugar e atravessava fronteiras, registrando então, marcas de uma determinada cultura.

A tradição oral possibilitou a criação e a propagação de muitas narrativas, mas quando não contadas, passaram a correr o risco de cair no esquecimento, comprometendo às gerações futuras de usufruir deste conhecimento. Essa situação se iguala ao percurso que as produções literárias surdas sofrem, pois muitas narrativas podem desaparecer caso não seja realizado um trabalho de registro destas produções.

A evolução da tradição oral permitiu o aparecimento da necessidade de se registrar as histórias contadas e assim surge à escrita. A escrita é um fenômeno da capacidade humana de construir e registrar significativamente, para a posteridade, a expressão de uma determinada cultura.

A Literatura é a realização, através de uma língua, das possibilidades significativas que a linguagem pode alcançar de maneira artística. Na Literatura, a criatividade e a imaginação encontram o lugar fértil de se realizar e produzir a arte da linguagem. Vigotsky trata a literatura como sendo uma representação artística que revela a nós mesmos. “A arte é o social em nós” (VIGOTSKY. 2001 p. 12).

Alguns textos nascem literários, outros atingem a condição de literários, e a outros tal condição é imposta. Sob esse aspecto, a produção do texto é muito mais importante do que seu nascimento. O que importa pode não ser a origem do texto, mas o modo pelo qual as pessoas o consideram. Se elas decidirem que se trata de literatura, então, ao que parece, o texto será literatura, a despeito do que o seu autor tenha pensado (EAGLETON. 1997 p.12).

A Literatura vem de uma tradição destinada a produzir para um público ouvinte, serviu e ainda serve de instrumento sólido de exaltação de um povo e, conseqüentemente, a marca do poder de uma determinada cultura. Considerando a existência da cultura surda, sentiu-se a necessidade de se produzir materiais literários voltados para atender o público surdo e assim, surge a Literatura Surda com o compromisso de resgatar as produções literárias do passado, construir um presente para que, no futuro, os surdos possam conhecer plenamente as produções literárias surdas. No próximo subtópico abordaremos outras considerações sobre a Literatura Surda.

1.2. LITERATURA SURDA

A Literatura Surda é uma literatura que resgata, através da língua falada pelos surdos, “A memória das vivências surdas através das várias gerações dos povos surdos” (ROSA, 2006 p.61). Esse importante acontecimento registra um respeito pelas heranças literárias surdas e mais um avanço para a maior valorização da cultura surda.

Literatura surda é uma literatura que respeita a cultura surda e suas identidades, é feita pelo surdo, com histórias de surdos e voltada para o público surdo. Faz-se necessário viabilizar uma produção em forma de imagens para criar condições que atenda a característica visuo-espacial do surdo (KARNOPP, 1989 p.102).

Hoje o universo tecnológico é uma realidade, em plena expansão, na vida de grande parte da população brasileira. O acesso ao conhecimento proporcionado por esse meio privilegia a produção e a distribuição de grande parte da literatura surda. Há de se considerar que o conhecimento oferecido pelo meio virtual pode até parecer democrático, mas existe outra parcela da população surda – os excluídos digitais – que não tem a possibilidade de usufruir dos conhecimentos literários que esse meio oferece. Em contrapartida, O INES¹ que é uma instituição nacional, pioneira na produção e distribuição de materiais literários surdos, oferece

¹ INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos - fundado em 1857 por Ernest é uma instituição voltada para o atendimento educacional dos surdos que oferece Ensino Superior através do Curso Bilingue de Pedagogia, experiência pioneira na América Latina.< <http://www.ines.gov.br>> Acesso em 24/02/2013.

gratuitamente, para as escolas, que recebem alunos surdos, um amplo acervo composto de livros e DVD's.

A literatura, concebida em forma de imagens, possibilitou a muitos surdos compartilhar a experiência literária de maneira mais prazerosa, pois essa utiliza a estratégia visual, feita com imagens e muitas delas imagens em movimento, que ajuda a inserir o surdo no universo literário. “Por esse motivo, precisamos fazer pesquisa para criar novos livros para surdos, mostrando também à língua de sinais, a cultura, a identidade surda, as histórias que aconteceram na vida de pessoas surdas” (ROSA 2006 p58 - 64).

A Literatura, produzida e veiculada por meio tecnológico, permite que a narração seja produzida em Libras, e assim, democratiza a circulação do material literário para um considerável número de pessoas surdas que tem o conhecimento dessa língua. O Youtube⁸ é um dos meios que garante a circulação dessas produções. Essa forma de registrar as produções literárias surdas favorece a construção do acervo literário surdo para que gerações de surdos possam usufruir.

A Literatura surda é um recurso importante e adequado para criar um ambiente de pertencimento para o surdo. As histórias narradas para o surdo favorecem o desenvolvimento da sua imaginação e criatividade, pois retratam as experiências surdas possibilitando assim a apreensão da consciência sobre a sua própria identidade cultural. O universo literário não pode ser negado ao surdo, pois a literatura reforça os conhecimentos e favorece o desenvolvimento intelectual.

As produções literárias surdas são testemunhos característicos da identidade surda que se apresentam em diferentes gêneros: poesia, história de surdos, piadas, literatura infantil, clássicos, fábulas, contos, romances, lendas e outras manifestações culturais (KARNOPP, 1989 p.102 apud STROBEL, 2009 p.61).

A Literatura surda está conquistando a devida importância que ela merece para formação do surdo, para isso podemos observar que cursos, em nível médio e superior, proporcionam disciplinas dedicadas ao assunto. Outro acontecimento são os encontros em congressos e fóruns que

possibilitam os debates e as trocas de experiências, pois a produção literária surda é um tema novo que ainda suscita muita pesquisa.

1.3. PRODUÇÕES LITERÁRIAS EM LIBRAS

Contar histórias é um hábito tão antigo quanto à civilização. Contar histórias é um ato que pertence a todas as comunidades: comunidades indígenas, comunidades de surdos, entre outras. Contar histórias, piadas, episódios em línguas de sinais pelos próprios surdos é um hábito que acompanha a história das comunidades surdas. Cabe, então, coletar as narrativas que surgem nessas comunidades, para que não desapareçam com o tempo.

Surdos reúnem-se frequentemente para contar histórias e, entre as preferidas, estão às histórias de vida, as piadas e aquelas que incluem elementos da cultura surda, com personagens surdos, com tramas que, em geral, envolvem as diferenças entre o mundo surdo e o ouvinte. (Alves e Karnopp 2003)

Para Kyle & Allsop (1982) a comunidade surda é diferente de outras comunidades linguísticas em muitos aspectos, já que eles não estão geograficamente em uma mesma localidade, mas estão espalhados em várias partes do mundo. Pessoas surdas não trabalham em um mesmo local. Em alguns centros urbanos, eles encontram seus pares surdos somente duas ou três vezes por semana e passam a maior parte de seu tempo em um mundo ouvinte. Esse fato produz um padrão de comunidade em que o tempo que os surdos permanecem juntos é fragmentado; por outro lado, são extremamente próximos uns dos outros. Essa característica social faz com que pessoas surdas mantenham suas vidas na comunidade surda, participando da associação de surdos, realizando atividades conjuntas, estudando em uma mesma escola, empreendendo lutas e reivindicações conjuntas.

Considerando a descrição do parágrafo anterior de que nas comunidades surdas a língua de sinais é compartilhada entre os surdos, acrescentamos que nestes lugares temos a possibilidade de encontrar algumas das narrativas e poemas que são contados em língua de sinais.

Essas considerações são importantes para entendermos a produção literária em sinais. Pessoas surdas, convivendo com ouvintes, em seu ambiente de trabalho ou com a família, se apropriam de meios visuais para entender o mundo e se relacionar com as pessoas ouvintes. Essa experiência visual, além do uso da língua de sinais, implica dividir a comunicação e isto também caracteriza a cultura surda.

A participação em associações, federações, clubes de surdos e a interação com pares surdos, mesmo que seja eventual – duas ou três vezes por semana – evidencia, nos termos de Baker & Cokely (1980), uma atitude e expressão de escolha por uma comunidade, ou necessidade de compartilhar informação e comunicação. Não significa “Eu quero ser surdo”, mas antes “Eu sou uma pessoa surda e desejo estar em contato com outras pessoas que compartilhem minha língua” (Kyle & Woll, 1985, p. 21).

No estudo realizado por Kyle & Allsop (1982), os autores concluíram que não é somente o domínio da língua de sinais ou a surdez que constituem os elementos principais em relação ao pertencimento à comunidade surda, mas também uma atitude surda, ou seja, a participação, o estar junto compartilhando informações e ideias. Neste sentido, há dois planos que interagem quanto à identificação dos membros da comunidade surda: a descrição mais típica (ser surdo e usar a língua de sinais) e outra mais relacionada a uma “atitude surda”.

A partir dessas considerações, torna-se complexo caracterizar a comunidade surda. No entanto, a língua de sinais mostra-se fundamental na identificação da comunidade surda, embora outros aspectos sejam também importantes, como a convergência de aspectos políticos, sociais e linguísticos entre os membros dessa comunidade. Há considerável evidência para se afirmar que pessoas surdas desejam estar juntas e formar uma comunidade. Obviamente há uma cultura surda em diferentes partes do mundo, embora isso não seja tão visível para as pessoas ouvintes. Nos termos de Kyle & Woll (1985), pessoas surdas trabalham com pessoas ouvintes, mas relaxam com pessoas surdas. Eles não rejeitam a sociedade ouvinte, mas se consideram diferentes. O desejo de

estarem juntos é a força da vida em comunidade e a força de sua língua, de sua diferença.

Hoje é possível encontrar obras literárias organizadas especificamente para o surdo, que são: adaptações, traduções e produções próprias dos surdos que consideram a identidade e a cultura surda. Eis alguns títulos:

Livros:

1. Tibi e Joca (Bisol, 2001).	3. Cinderela Surda (Hessel; Rosa; Karnopp, 2003).
2. Adão e Eva (Rosa; Karnopp, 2005).	4. Rapunzel Surda (Silveira; Rosa; Karnopp, 2003).

DVD/ Vídeo:

1. Patinho Feio, DVD Histórias Infantis em Língua de Sinais, do INES / MEC).
2. Os Três Ursos, DVD Histórias Infantis em LS do INES/MEC).
3. Fábulas de Esopo, Língua de Sinais Brasileira, com Nelson Pimenta. LSB Vídeo 2002.

Muitas das obras acima foram produzidas para serem apresentadas com a utilização de recursos tecnológicos. O uso da tecnologia permite a realização das gravações das narrativas surdas, viabilizando assim, o registro das histórias para que democraticamente seja apreciada por grande parte da comunidade surda ao longo do tempo e assim, cria-se um acervo voltado para a construção de uma memória literária surda.

O público infantil é o mais privilegiado com os textos literários, pois a produção literária infantil surda é a mais editada. Trata-se de uma preocupação importante, pois o cuidado com o início da formação do leitor surdo é determinante para o sucesso do futuro leitor. Cinderela Surda e Adão e Eva são as obras infantis surdas mais conhecidas pelo povo surdo, a seguir conheça algumas considerações.

Cinderela Surda é uma obra literária muito significativa voltada para a infância surda, pois apresenta elementos importantes que ajuda o surdo a construir o entendimento do texto. Os elementos são: A história é

contada em Língua Portuguesa e em Signwriting e o projeto gráfico oferece material colorido, e imagens que mostram as expressões dos personagens, fato que privilegia a experiência visual. Essa obra oferece várias possibilidades para que o surdo possa ler e entender o texto. Trata-se de uma obra, que segundo a própria autora, é uma obra “versão bilíngue” (KARNOPP. 2008 p.10).

Outra obra interessante é **Adão e Eva**, nesta obra os pesquisadores conseguiram valorizar aspectos da cultura surda, dando ênfase à origem da língua de sinais, mas também é dada a devida importância que a língua portuguesa, na modalidade escrita/leitura, tem para o surdo. “Na história, após comer a maçã, o casal percebe sua nudez e começa a usar a fala, já que as mãos estão ocupadas em esconder os corpos desnudos”. Neste trecho da história, há de se considerar que as imagens podem ajudar a proporcionar o entendimento para o surdo, mas que, somente com a leitura, em língua portuguesa, é que se pode conseguir uma melhor interpretação textual”(KARNOPP, HESSEL. 2009, p.10).

O livro, **Um Mistério a resolver: O mundo das bocas mexedeiras** (OLIVEIRA, 2008), é uma obra literária escrita totalmente em língua portuguesa e voltada para o público infantil surdo. A autora abordou a condição linguística do surdo de maneira inteligente e direta explicando para a criança surda a sua realidade diferenciados dos demais, assim como tantas outras diferenças que todas as pessoas têm. O projeto gráfico apresenta desenhos bem elaborados e coloridos com personagens expressivos, fato que, instiga o interesse da criança em conhecer a história contada nesta obra. Na última página do livro tem uma frase escrita em Signwriting que possibilita apresentar, para a criança surda, mais esta possibilidade de registro escrito da sua língua. A obra vem acompanhada de um DVD que traz Nelson Pimenta – liderança surda – interpretando toda a história utilizando a LIBRAS. Este conjunto de opções permite que o surdo conheça a história seguindo a estratégia bilíngue.

Para o público surdo adolescente/adulto algumas obras clássicas foram adaptadas e disponibilizadas para serem apreciadas nas escolas públicas. Eis alguns títulos:

1. A Cartomante 2. Missa do Galo	3. O Alienista. (Machado de Assis). 4. Iracema (José de Alencar).
-------------------------------------	--

Essas obras literárias são de grande importância para a história da literatura surda, cabe ressaltar que são produções que mostram as conquistas do povo surdo em obter materiais voltados para a sua especificidade linguística.

2. A importância da literatura surda para a criança surda

A literatura tem um papel importante para educação da criança, em sua fase de grandes descobertas e curiosidades. Como arte, a literatura trabalha o imaginário, a criatividade e estimula a linguagem. Assim, pais e professores devem explorar as múltiplas visões possibilitadas pela leitura de textos literários, que levam as crianças à possibilidade de reflexão, questionamento e recriação do real.

De acordo com os estudos de Williams e Mclean (1997), crianças surdas, acostumadas com leitura de livros de histórias em LIBRAS, tentam recontar as histórias. Descrevem os sentimentos das personagens baseando-se no texto e na ilustração. As crianças explicam razões para o comportamento das personagens e julgam as suas ações.

As crianças surdas passam pelas mesmas etapas que as crianças ouvintes no processo de aquisição de leitura e escrita. Ou seja, apresentam a capacidade de elaborar representações simbólicas e desenhos, de reconhecer os formatos das letras, para enfim chegar à forma convencional de aprendizagem da escrita e leitura. E para se desenvolverem precisam passar pelas etapas da aquisição de linguagem no seu tempo, com sua língua oral ou visual, para não terem um déficit na sua aprendizagem.

No Brasil, a língua de sinais foi oficializada como a língua de comunicação viso-espacial dos surdos. É uma língua natural com estrutura

gramatical própria. Possui regras fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas, ou seja, uma língua completa. A LIBRAS possibilita o desenvolvimento cognitivo do surdo, favorecendo seu acesso a conceitos e conhecimentos existentes. É um direito da criança surda ter acesso à educação em sua língua e um dever do estado garantir que isso aconteça.

Como a língua de sinais é uma língua viso-espacial, que explora o visual, as ilustrações na literatura infantil facilitam a compreensão, tanto das crianças ouvintes quanto das surdas. De acordo com Goodman (1998), a imagem tem sido compreendida como função estimuladora, colocada para interessar a criança no livro. O leitor participa ativamente na construção do sentido da história ao preencher as lacunas de significado, com base em pistas visuais presentes nas imagens.

Quadros (2000) comenta que o acesso a leitura e escrita pela criança surda teria duas “chaves preciosas”: o relato de histórias e a produção de literatura infantil em sinais. Introduzir textos em língua de sinais, enquanto prática discursiva dará condições para a criança surda de perceber como funciona o texto escrito.

3. Possibilidades encontradas

Alguns dos materiais existentes são os que traduzem os textos clássicos da literatura universal e/ou brasileira para a Libras. A editora “Arara Azul” disponibiliza a coleção “Clássicos da Literatura em CD-R em Libras/Português”, em que uma equipe de tradutores faz a tradução da língua portuguesa para a Libras. Os clássicos traduzidos são de fundamental importância para a leitura de obras e textos que circulam na literatura brasileira ou na literatura mundial.

Quanto à análise de livros impressos, é possível encontrar alguns livros cuja temática é a surdez, a língua de sinais e/ou surdos. Os livros publicados a partir de 2000 que foram analisados são os seguintes: “Kit Libras é Legal” (2003), “O Som do Silêncio” (COTES, 2004).

No “KIT LIBRAS É LEGAL”. Há cinco livros que cumprem uma função prioritariamente didática. Os livros são ilustrados, apresentam a sinalização da LIBRAS em desenhos, a escrita da língua de sinais e o português. Observe a descrição de cada um dos livros:

“VIVA AS DIFERENÇAS” é um livrinho que fala, de forma simples, sobre a diversidade do ser humano. Discutir as diferenças em sala de aula é uma oportunidade de semear valores como o respeito e a solidariedade entre as crianças, indispensáveis a sua convivência em grupo.

“CACHOS DOURADOS” é um clássico da literatura infantil que faz parte do universo de muitas crianças ouvintes. Agora as crianças surdas podem conhecer essas histórias contadas por seus pais e professores através do registro em Libras.

“IVO” é uma oportunidade de trabalhar algumas noções de cidadania com os alunos, pois os documentos pessoais são uma maneira de nos inserirmos a sociedade atual e dela participar. A história infantil oferece inúmeras possibilidades de trabalhar diversos conceitos a ela relacionados, tais como família, saúde, trabalho, educação, política entre outros.

“HISTÓRIA DA ÁRVORE” é uma piada muito conhecida na comunidade surda, que vem sendo contada e recontada. Com humor ela traz uma mensagem muito interessante de respeito às diferenças individuais (retirado de <http://www.libraselegal.com.br/index1.php>).

A história “A cigarra surda e as formigas”, escrita por duas professoras de surdos, uma ouvinte e a outra surda, apresenta como tema a importância da amizade entre surdos e ouvintes e faz um apelo ao final da história “Amiguinhos precisamos respeitar as diferenças” (OLIVEIRA; BOLDO, s.d.).

Na apresentação do livro, uma das autoras enfatiza que essa história foi fruto do trabalho realizado em sala de aula, onde houve uma apresentação teatral por crianças surdas, em Libras, e também a produção do texto em escrita de sinais (*Signwriting*) e na língua portuguesa. O livro foi produzido manualmente e as ilustrações foram realizadas por um aluno. Apresenta - nas páginas em numeração - três

possibilidades de leitura: a) através da língua portuguesa, b) através do desenho do sinal c) através da escrita do sinal. Percebemos que, no livro, não está totalmente legível a escrita dos sinais, provavelmente por ter sido produzido manualmente. Além disso, nas páginas ímpares, há ilustrações que remetem ao desenvolvimento da história.

O livro “O som do silêncio” (COTES, 2004) conta a história de uma menina surda que não tem medo do barulho.

Inspirada em uma história real, a fonoaudióloga e escritora criou a personagem Amanda, uma menininha surda que ensina aos colegas de escola a importância do som do silêncio. O enredo gira em torno de um passeio ao fundo do mar. Acostumadas com barulhos, as crianças se assustam com o silêncio das águas, menos Amanda, que, maravilhada com cores e peixes, brinca à vontade. “É nesse momento que crianças e adultos percebem o quão maravilhoso pode ser o mundo das Amandas, das crianças que não ouvem e que, nem por isso, deixam de sonhar”, conta Cláudia (retirado de <http://www.vezdavoiz.com.br/>).

O tema explorado no livro é “o som do silêncio”, ou seja, a questão musical, dos sons e dos ritmos, conforme evidencia a imagem da capa que apresenta uma pessoa com instrumento de sopro. O livro é ilustrado e na forma de apresentação do texto, em português, a rima e o ritmo nos versos escritos são explorados, por exemplo: “Na casa do Reinaldo, nasceu a Amanda, que já era amada muito antes de ser gerada” (COTES, 2004). Traz a ideia de superação no mundo das crianças que não ouvem. Mostra uma visão compensatória da surdez, evidenciando que não há dificuldades que não possam ser superadas! Além disso, o desfecho da história revela o segredo de Amanda: “É que ela era uma sereia, do fundo do mar!!!”.

O livro “Patinho Surdo” (ROSA; KARNOPP, 2005) conta a história de um patinho surdo que nasceu em um ninho de ouvintes. Quando encontra patos surdos, aprende com eles a Língua de Sinais da Lagoa e descobre sua história de vida. O texto aborda as diferenças linguísticas na família e na sociedade, além de apresentar a importância do intérprete na

comunicação entre surdos e ouvintes. As ilustrações são em preto e branco e há um glossário ao final do livro.

As histórias “Cinderela Surda”, “Rapunzel Surda” e “Patinho Surdo” tematizam a importância da língua de sinais, da cultura e identidade surda.

4. O poema surdo

A construção poética produzida pelos surdos requer o estabelecimento de novas percepções sobre as práticas de construção textual.

Tradicionalmente os poemas foram feitos para atender um público ouvinte e assim serem apreciados pela via auditiva, ou para serem lidos. O início da tradição poética era empenhada em relacionar a música com o texto, ou seja, o som e a palavra. As concepções poéticas foram mudando ao longo do tempo, e hoje temos poemas que não precisam da palavra e nem do som para se constituir como tal.

A poética surda é uma modalidade que assume outra postura, ela vem para privilegiar o aspecto visual que o texto sinalizado oferece. Os poemas sinalizados “são reconhecidos pelos surdos por dois elementos: a postura do poeta ou do intérprete, que delimita esse momento da declamação como tal, e a diferenciação pelo público do gênero textual por meio do reconhecimento do tipo de linguagem utilizada” (PORTO, 2011 p.65).

A construção do poema sinalizado segue a concepção “de que as línguas de sinais, enquanto língua tem tantas possibilidades de construção poética quanto qualquer língua oral, estando o diferencial na modalidade de produção e de realização desse texto” (PORTO, 2011 p.65).

Os poemas sinalizados apresentam em sua constituição textual aspectos: lexicais, semânticos e sintáticos. Tais elementos indicam que, apesar das diferenças com relação aos poemas feitos para os ouvintes, o poema surdo é constituído por instrumentos textuais que se unem harmonicamente para alcançar a significação artística que o poema exige.

O **aspecto lexical** acontece quando “A análise do léxico pode revelar o tipo de linguagem escolhida, se coloquial ou culta” (PORTO, 2011 p.65).

No **aspecto sintático** a “organização sintática (...) busca a compreensão do texto pela pontuação, construção de períodos breves ou longos, interrogações, reticências, pelo paralelismo ou pelas inversões sintáticas” (PORTO, 2011 p.65).

No **aspecto semântico** são “abordados as figuras de similaridade, como a comparação metáfora e a sinestesia” (PORTO, 2011 p.65).

Outro recurso imprescindível para a construção da poética surda encontra-se no modo de utilização dos parâmetros que constituem a língua de sinais (cf. p. 8 e 9), pois eles, de acordo com a performance do sinalizador, promovem a continuidade cíclica do movimento criando uma diversidade significativa para o texto poético, e com isso é possível que o público vislumbre a capacidade poética que a língua de sinais pode oferecer. “Mesmo o prazer e o entendimento proporcionados pela poesia podem ser vistos como um tipo de fortalecimento para essa comunidade linguística” (QUADROS, p.115).

Com relação aos temas, eles estão explicitamente subordinados à apresentação da pessoa surda, à celebração da língua de sinais e do mundo visual e às relações entre surdos e ouvintes. Outros temas mais gerais também são recorrentes, quais sejam: o amor, a natureza, a vida e a morte. (PORTO. p. 71).

O entrelaçamento das significações construídas nos poemas sinalizados apoia-se no olhar do intérprete/poeta. O olhar assume a postura do personagem, causando um efeito de envolvimento com a cena, e assim, atrai o seu público para a segui-lo na narrativa acentuando o foco desejado para a cena. “Os poemas usam explicitamente sinais para representar o olhar e o ver, e mostram personagens no poema/intérprete adiciona diretamente um efeito poético ao poema, chamando a atenção para algum tipo de sinalização irregular, criativa.” (QUADROS. p.19).

Um poema importante e que exemplifica todas as considerações aqui apresentadas é o poema de Nelson Pimenta chamado *Bandeira*

Brasileira. Esse poema tem o cuidado em apresentar artisticamente o simbolismo que a bandeira nacional representa para a cultura brasileira. Com o uso da língua de sinais, Pimenta permite que a arte apresentada construa uma interligação entre a cultura surda e a cultura brasileira. “Bandeira Brasileira, de Pimenta, também toma cuidado para mostrar o lugar de uma pessoa brasileira surda dentro da nação brasileira.” (QUADROS, p.125).

Uma abordagem importante sobre a poética sinalizada é a diferenciação entre o autor e o sinalizador. O autor é aquele que produziu o texto poético sinalizado, enquanto que o sinalizador é o interprete do poema. O sinalizador e o autor, em alguns casos, pode ser a mesma pessoa, mas não se trata da regra.

É importante considerar que o poema surdo se constitui de maneira diferenciada dos poemas feitos para o público ouvinte e que a tecnologia facilita a criação e a propagação de tais obras, mas é importante criar mecanismos que registre a autoria das obras surdas para que os bônus/ônus de tal arte recaia sobre o seu autor.

5. Fábulas

A fábula é um texto de ficção. As fábulas são narrativas em que os personagens são animais personificados que representam histórias sobre a vida humana. O objetivo final da fábula é realizar um ensinamento através de uma lição de moral.

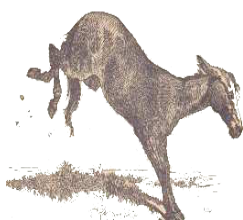
Você poderá apreciar as muitas fábulas traduzidas para a Libras. Sugerimos que você assista as “6 fábulas de Esopo” em Língua de Sinais Brasileira, com Nelson Pimenta (vol. 1), da LSB Vídeo 2002. Uma outra fábula, traduzida para a Libras, é “O passarinho Diferente”, que você poderá encontrar no DVD “Literatura em LSB”, também com Nelson Pimenta, da LSB Vídeo. Sugerimos também que você leia algumas fábulas. A seguir apresentamos algumas fábulas retiradas do site www.metaforas.com.br

Título Autor

20/01/05 - A lebre e a Tartaruga - Esopo
10/01/05 - A raposa e a mascara - Esopo
02/01/05 - Os ladrões e o Galo - Esopo
16/12/04 - O lobo e o burro - Esopo
20/11/04 - O lobo e a cegonha - Esopo
16/10/04 - A velha e suas criadas - Esopo
11/10/04 - O Parto da Montanha - Esopo
28/09/04 - A águia e a seta - Esopo
25/09/04 - O rapaz e a moça inconstante - Esopo
04/09/04 - As rãs em busca de um rei - Esopo
31/08/04 - O gato, o galo e o ratinho - Esopo
21/08/04 - O burro e seu condutor - Esopo
07/08/04 - O urso e a raposa - Esopo
23/07/04 - A reunião geral dos ratos - Esopo
20/07/04 - Os dois amiguinhos - Esopo
13/07/04 - O urso e as abelhas - Esopo
09/07/04 - O leopardo e a raposa - Esopo
06/07/04 - A gralha vaidosa - Esopo
04/07/04 - O Patinho Feio - Hans Christian Andersen
28/06/04 - O homem, seu filho e o burro - Esopo
24/06/04 - O gato e o galo - Esopo
21/06/04 - O lobo e a cabra - Esopo
08/06/04 - O cachorro na manjedoura - Esopo
17/05/04 - O pescador flautista - Esopo
07/05/04 - A raposa e o leão - Esopo
29/04/04 - O Asno e o Velho Pastor - Esopo
26/04/04 - O ratinho da cidade e o ratinho do campo - Esopo
19/04/04 - O garoto do "olha o lobo" - Esopo
14/04/04 - O burro que vestiu a pele de um leão - Esopo
03/04/04 - O astrônomo - Esopo
25/03/04 - O galo e a joia - Esopo
20/03/04 - O burro e o cachorrinho - Esopo
14/03/04 - O sapo e o boi - Esopo
09/03/04 - O Cão Raivoso - Esopo
06/03/04 - A Formiga e a Pomba - Esopo
04/03/04 - As lebres, as raposas e as águias - Esopo
01/03/04 - A menina do leite - La Fontaine
28/02/04 - As árvores e o machado - Esopo
26/02/04 - A rosa e a borboleta - Esopo
24/02/04 - O ursinho e as abelhas - Leonardo da Vinci
21/02/04 - A gansa dos ovos de ouro - Esopo
20/02/04 - A lebre e a Tartaruga - La Fontaine
19/02/04 - A cigarra e as formigas - Esopo
16/02/04 - O Riacho - Leonardo da Vinci
14/02/04 - O lobo e o Cordeiro - La Fontaine
13/02/04 - O leão e o ratinho - Esopo
10/02/04 - A raposa e as uvas - Esopo
08/02/04 - A raposa e a cegonha - Esopo

08/06/03 - Os viajantes e o urso - Esopo
08/05/03 - Os meninos e as rãs - Esopo
08/12/02 - O leão e o mosquito - Esopo
08/11/02 - O galo e a raposa - Esopo
08/10/02 - A raposa e o corvo - Esopo
08/09/02 - O Cachorro e sua Sombra - Esopo
08/08/02 - O Macaco e o Golfinho - Esopo
08/07/02 - A Galinha Ruiva - Penryhn Coussens
08/06/02 - Os Bandidos - Desconhecido
08/05/02 - O Castor Desportista - Desconhecido
08/04/02 - A Regata - Desconhecido
08/03/02 - A "Sabe-Tudo" - Desconhecido
08/02/02 - A Baleia Alegre - Desconhecido
08/01/02 - O Periquito Tagarela - Desconhecido
08/12/01 - O Abuso de Confiança - Desconhecido
08/11/01 - O Ursinho Desavergonhado - Desconhecido
08/10/01 - Um Grande Cavalheiro - Desconhecido
08/09/01 - O Ouriço e o jogo da Cabra-cega - Desconhecido
08/08/01 - O Canguru Marinheiro - Desconhecido
08/07/01 - O Caracol Invejoso - Desconhecido
08/06/01 - O Cavalo Descontente - Desconhecido
08/05/01 - O Coala Sujo - Desconhecido
08/04/01 - A Coelhinha das Orelhas Grandes - Desconhecido
08/03/01 - O Ursinho e o Mel - Desconhecido
08/02/01 - O Leão e o Esquilo - Desconhecido
08/01/01 - A Ovelha Negra - Desconhecido
08/12/00 - O Pingüim Glutão - Desconhecido
08/11/00 - A Raposa e o Corvo - Desconhecido
08/10/00 - Os Ratinhos Desobedientes - Desconhecido
08/09/00 - A Tartaruga e a Águia - Desconhecido
08/08/00 - O Professor Golfinho - Desconhecido
08/07/00 - A Borboleta Orgulhosa - Desconhecido
08/06/00 - Os Burros Espertos - Desconhecido
08/05/00 - O Canguru que Saltava para Trás - Desconhecido

<http://www.metas.com.br/fabulas/fabulasdata.asp>. Acesso em 24 de outubro de 2013



Uma mula, folgadona devido à ausência de trabalho e por causa da grande quantidade de milho que recebia, galopava de um lado para o outro de um modo extravagante e arrogante. Vaidosa e muito confiante, dizia para si mesmo:

- Meu pai com certeza era um valoroso e belo raça pura. Eu sou sua própria imagem em velocidade, resistência, espírito e beleza.

Pouco tempo depois, sendo levado a uma longa jornada como burro de carga, e sentindo-se muito cansado, exclamou em tom desconsolado:

- Acho que cometi um erro. Meu pai, afinal de contas deve ter sido apenas um simples asno.

Esopo

Moral: Ao desejarmos ser o que não somos, estamos plantando em nós a semente da frustração.



Um dia uma raposa entrou na casa de um ator e encontrou uma linda máscara no meio de uma pilha de objetos usados no teatro. Encostando a pata na máscara, disse:

- Que belo rosto temos aqui! Pena que não tenha cérebro.

Esopo

Moral: Uma bela aparência não substitui o valor do espírito.



Certo dia uma moça inconstante disse a um rapaz:

- Meu querido, muitos homens me adoram, muitos me querem, mas eu só amo você e rezo para ter você um dia. Não estou preocupada com riqueza, neste mundo só quero você.

E o rapaz respondeu, mesmo sabendo que ela era inconstante:

- Nós dois queremos a mesma coisa, pois meu coração chora por você. É verdade que você já me enganou um dia, mas adoro você e sempre vou adorar.

Foi assim que o rapaz ingênuo foi iludido pela moça

inconstante.
Esopo

Moral: Cuidado com quem diz que não quer seu dinheiro.

Fabulista grego (? , 620 a.C.) Esopo permanece mais como personagem legendária que histórica. Ignora-se o lugar de seu nascimento; alguns dizem ter sido Samos ou Sardes, enquanto Aristófanes o supôs filho de Atenas.

A versão mais corrente, apesar de não oferecer mais segurança que as outras, é a de que ele tenha nascido na Frígia. Diz-se que foi comprado e vendido muitas vezes, talvez devido à sua estranha aparência. Imagina-se que ele era corcunda, tinha o nariz chato, lábios muito grossos com a cabeça deformada; também era anormalmente moreno. As lendas fazem crer que ele sofria de um defeito na fala, o que devia incomodá-lo quando contava estórias, mas não lhe afetava a agilidade mental. Talvez por causa de suas deficiências, ou apesar delas, ele possuía uma profunda compreensão da humanidade e de todas as suas fraquezas, o que se reflete nas suas fábulas.

Adaptou para o comportamento dos animais aquilo que percebia, sabendo que dessa maneira seria mais fácil as pessoas aceitarem e entenderem a verdade dos seus julgamentos simples.

Depois de conhecer vários mestres, como Demarco em Atenas, Esopo, que era escravo, foi libertado por Jadmo de Samos.

Livre, começou a viajar. Foi para o Egito, visitou a Babilônia, a Ásia Menor, e passou alguns anos na corte do Rei Cresos, na Lídia. Enviado à Grécia por Cresos, visitou Atenas, sob o domínio de Pisístrato, e escreveu a fábula "As Rãs em Busca de um Rei", onde incitava o povo a trocar de rei. Segundo Plutarco, ele assistiu nessa ocasião ao banquete dos Sete Sábios, em Corinto, dado pelo tirano Periandro. Foi em seguida para Delfos, onde deveria, conforme ordens de Cresos, oferecer um grande sacrifício a Apolo e dar, a cada habitante da cidade, uma soma de dinheiro.

Foi o fato de Esopo julgar as pessoas que, dizem as lendas, acarretou sua morte.

Parece que foi condenado à morte depois de uma falsa acusação de sacrilégio, ou talvez porque os habitantes de Delfos estivessem irritados com suas zombarias, pois ele declarou que, de longe, Delfos parecia "feita de um material pujante", mas de perto revelava-se "um monte de ervas daninhas e lixo". Seus comentários irritaram a tal ponto os habitantes da ilha, que estes se enfureceram: agarraram-no, atiraram-no de um alto rochedo, e ele morreu.

Ou ainda porque suspeitassem de que Esopo teria a intenção de ficar com o dinheiro que Creso lhes tinha destinado.

Aristóteles relatou, em 330 a.C., como Esopo defendeu um político corrupto ao contar a estória da raposa e o ouriço. Uma raposa - disse Esopo - estava sendo atormentada por pulgas e um ouriço perguntou se poderia ajudar a removê-las. A raposa respondeu: "Não, essas pulgas estão cheias e já não sugam tanto sangue. Se você tirá-las, novas e famintas pulgas virão". "Então, cavalheiros do júri" - Esopo teria dito - "se vocês condenarem meu cliente à morte, outros virão que não são tão ricos e irão roubá-los completamente".

Nascida no Oriente, à fábula foi reinventada no Ocidente por Esopo. Reescrita em versos gregos pelo poeta Babrius, um romano helenizado, aperfeiçoada em versos em latim pelo poeta romano Fedro (séc. I d.C.), que a enriqueceu estilisticamente. No séc. XVI, ela foi descoberta e reinventada por Leonardo da Vinci (mas sem grande repercussão fora da Itália e ignorada até bem pouco tempo).

Portanto, o que conhecemos hoje como sendo fábulas esopianas são, na verdade, adaptações feitas provavelmente por muito escritores. Esopo não deixou nada escrito. As fábulas que lhe são atribuídas pela tradição foram recolhidas pela primeira vez por Demétrio de Falera, por volta de 325 a.C. É possível que com todas as lendas a respeito de Esopo a verdade se tenha misturado com rumores, de modo que não se sabe com exatidão o que foi que ele escreveu ou não. Seja como for, seu nome e seus feitos transformaram-se em folclore, e o resultado disso foi que muitas fábulas, que talvez não tenham sido escritas por ele, a ele acabaram sendo atribuídas.

Alguns historiadores, porém acreditam que Esopo era um pseudônimo usado por vários escritores, mas o certo mesmo é que estas estórias sobrevivem até os dias de hoje.

Pode até ser que não foi uma pessoa apenas que escreveu estas fábulas, mas sem dúvida todas têm o mesmo tipo de mensagem: "moral da estória", hoje em dia muito em falta.

Atribui-se a Esopo a autoria de 400 fábulas, que foram recontadas por diversos escritores através dos tempos. O filósofo grego Sócrates colocou algumas em verso, mas foi o francês Jean de La Fontaine (1621-1695) o grande responsável por sua popularização em nosso tempo.

Se a vida de Esopo tivesse sido mais calma, poderia ter sido mais feliz, mas, para nós, isso talvez significasse a perda da maior coleção de fábulas existentes atualmente. Pode ser que, em algum lugar, Esopo esteja tranqüilamente sorrindo consigo mesmo, ao ver que as pessoas não são, hoje, muito diferentes do que eram nos dias em que ele contava suas estórias, há dois mil anos.

Para ler as fábulas de Esopo, consulte o site:

http://www.universodasfabulas.hpg.ig.com.br/esopo/frame_esopo.html

6. Contos de fadas

Você sabe qual é a origem dos contos de fadas?

No século XVI, os contos de fada não eram brincadeira de criança. Sexo, violência e fome apimentavam as tramas inventadas por camponesas nas poucas horas de diversão.

Você já imaginou se o lenhador não aparecesse ao final da história para salvar Chapeuzinho Vermelho e sua vovozinha?

Os camponeses da França do século XVI contavam os detalhes violentos e libidinosos desta e de outras histórias que povoam o nosso imaginário infantil não param por aí. Se você nunca ouviu as versões apimentadas, foi por obra e graça de escritores como o francês Charles Perrault, os alemães Jacob e Wilhelm Grimm e o dinamarquês Hans Christian Andersen, que entre o fim do século XVII e o início do século XIX pesquisaram, recolheram e adaptaram as histórias contadas por camponesas criadas em comunidades de forte tradição oral.

Chapeuzinho Vermelho, Cinderela, Branca de Neve, João e Maria, A Bela Adormecida e outros contos de fadas tão familiares foram passados de geração para geração por trabalhadores analfabetos, que se sentavam à noite em volta de fogueiras para contar histórias. Nestas reuniões,

chamadas de veillées pelos franceses, as mulheres narravam seus casos enquanto fiavam e teciam, o que originou expressões como “tecer uma trama” e “costurar uma história”. Os homens consertavam suas ferramentas ou quebravam nozes. No universo dos camponeses franceses pré-Revolução, nos séculos 17 e 18, não havia tempo para descanso. Durante o Antigo Regime, diversão e trabalho misturavam-se, como na história da pobre Gata Borralheira.

Tanta inspiração nascia do cotidiano: a segurança da casa e da aldeia opunha-se aos perigos da estrada e da floresta, como em Chapeuzinho Vermelho. A crueldade fazia parte do roteiro pois era pobreza e morte que se esperava do mundo no século 16. A fome, o maior mal daquele tempo, protagonizava muitas das narrativas, como em João e Maria, em que os pais abandonam as crianças na floresta por não ter como alimentá-los. No caso da história de João e Maria tem a parte da preocupação dos adultos com a fome que assolava a todos e das crianças que temiam ser abandonadas.

Tudo começa a mudar e os contos começam a ter nuances de contos de fadas com final feliz no final do século XVIII, quando se começa a fazer distinção entre a infância e a vida adulta. E é nesse momento da história que entraram em ação Perrault, os irmãos Grimm e, mais tarde, Andersen. Eles não foram os primeiros a passar para o papel as histórias dos camponeses, mas foram os mais bem-sucedidos em sua adaptação ao gosto da nobreza e das crianças. Perrault, por exemplo, incluiu comentários sobre os costumes e a moda das elites em suas versões para dar uma cara à nação francesa.

O que o escritor fez em seu Contos da Mamãe Gansa, de 1697, de certa forma foi o que os contadores faziam nas aldeias: adaptou um fio condutor comum a sua realidade, eliminando detalhes violentos ou de conteúdo sexual – e incluindo a “moral da história”. A adaptação ao gosto do contador, aliás, é uma marca que atravessa os tempos.

Em uma história da China do século 9, por exemplo, uma moça chamada Yeh-Hsien é ajudada por um peixe mágico, que lhe dá chinelas de ouro para a festa da aldeia. Na volta para casa, ela perde uma das

chinelas, que vai parar nas mãos do governante. No fim, o chefe local apaixonou-se pelos pés pequenos de Yeh-Hsien, em consonância com os costumes chineses de enfaixar os pés das meninas para que não crescessem. As diferenças culturais estão claras, mas pode-se reconhecer as origens de Cinderela no conto. Quando uma história é narrada de forma oral, normalmente é adaptada a realidade do momento. É quem conta um conto sempre aumenta um ponto, seja na China do século IX, na França do século XVIII ou nos dias de hoje.

6.1. Contos de fadas para crianças

Como já mencionado, as versões infantis de contos de fadas hoje consideradas clássicas, devidamente expurgadas e suavizadas, teriam nascido quase por acaso na França do século XVII, na corte de Luís XVI, pelas mãos de Charles Perrault (Coelho, 1987, p.16). Para Sheldon Cashdan, em referência aos países de língua inglesa, a transformação dos contos de fadas em literatura infantil (ou sua popularização) só teria mesmo ocorrido no século XIX, em função da atividade de vendedores ambulantes ("mascates") que viajavam de um povoado para o outro "vendendo artigos domésticos, partituras e pequenos volumes baratos chamados de *chapbooks*" (Cashdan, 2000, pp. 20-21). Estes *chapbooks* (ou *cheap books*, "livros baratos" em inglês), eram vendidos por poucos centavos e continham histórias simplificadas do folclore e contos de fadas expurgados das passagens mais fortes, o que lhes facultava o acesso a um público mais amplo e menos sofisticado.

➤ Perrault e a Mãe Gansa



Ilustração de *Contes de ma Mère l'Oye* por Gustave Doré.

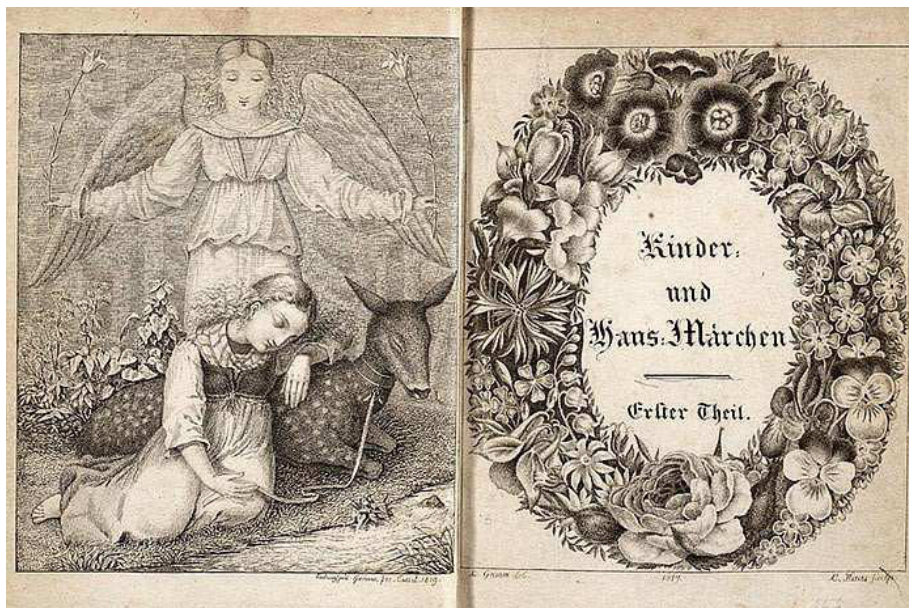
Em 1697, Perrault publicou *Contes de ma Mère l'Oye* ("Contos da minha Mãe Gansa"), uma coletânea de narrativas populares folclóricas e que, num primeiro momento, não se destinavam a crianças, mas a embasar a defesa da literatura francesa (considerada inferior aos clássicos greco-romanos por acadêmicos da época) e da causa feminista, que possuía como uma de suas líderes a sobrinha de Perrault, Mlle. Hérítier. As duas primeiras adaptações ("A paciência de Grisélidis", de 1691 e "Os desejos ridículos", de 1694) reforçam esta tese. Apenas em 1696, com a adaptação de "A Pele de Asno" é que Perrault manifesta a intenção de escrever para crianças, principalmente meninas, orientando sua formação moral.

A *Mère l'Oye* era uma figura familiar dos velhos contos folclóricos franceses, sempre cercada pelos filhotes que ouviam suas histórias fascinados. Todavia, pelo hábito das mulheres contarem histórias enquanto teciam durante os dias longos de inverno, a capa do livro foi ilustrado com a vinheta de uma velha fiandeira, não de uma gansa. A *Mère l'Oye* passou então a ser associada com a figura da fiandeira, que

ganhou nomes locais nos vários países onde os contos foram traduzidos ("Carochinha", por exemplo).

Os principais contos da "Mère l'Oye": A Bela Adormecida no Bosque, Chapeuzinho Vermelho, O Barba Azul, O Gato de Botas, As Fadas, A Gata Borralheira, Henrique de Topete e O Pequeno Polegar.

6.2. Os Irmãos Grimm e o Espírito Teutônico



Capa da edição de 1812 de *Kinder und Hausmärchen*.

Depois de atravessar uma fase de desinteresse por parte do público adulto após a Revolução Francesa, os contos de fadas despertaram novamente a atenção dos pesquisadores no início do século XIX, graças aos estudos de Gramática Comparada que, tomando o sânscrito por base, buscavam descobrir a evolução das diversas línguas e dialetos, e assim, determinar a identidade nacional de cada povo.

Tendo isto em mente, mais de 100 anos após Perrault ter publicado as histórias da Mãe Gansa, os folcloristas Jacob e Wilhelm Grimm, integrantes do Círculo Intelectual de Heidelberg, efetuaram um trabalho de coleta de antigas narrativas populares com o qual esperavam caracterizar o que havia de mais típico no espírito do povo alemão (mesmo que muitas destas narrativas originalmente nada tivessem de

germânicas). Como principais fontes da tradição oral, os Grimm se valeram da prodigiosa memória da camponesa Katherina Wieckmann e de uma amiga da família, Jeannette Hassenpflug, de ascendência francesa.

Como resultado de sua pesquisa, entre 1812 e 1822, os irmãos Grimm publicaram uma coletânea de 100 contos denominada *Kinder und Hausmaerchen* ("Contos de fadas para crianças e adultos"). As inúmeras semelhanças de episódios e personagens com aqueles das histórias de Perrault evidenciam que mais do que um fundo comum de fontes folclóricas, os Grimm podem ter simplesmente lançado mão de adaptações das histórias recolhidas pelo estudioso francês.

- Principais contos de "Kinder und Hausmaerchen": Pele de Urso, A Bela e a Fera, A Gata Borralheira e João e Maria.

6.3. Andersen: o "Pai" da Literatura Infantil

Já imbuído do forte (e melancólico) espírito do Romantismo, o poeta e novelista dinamarquês Hans Christian Andersen escreveu cerca de duzentos contos infantis, parte retirados da cultura popular, parte de sua própria lavra. Publicados com o título geral de *Eventyr* ("Contos"), entre 1835 e 1872, eles consagraram Andersen como o verdadeiro criador da literatura infantil.

- Principais contos: A Roupas Nova do Imperador, O Patinho Feio, Os Sapatinhos Vermelhos, A Pequena Sereia, A Pequena Vendedora de Fósforos, A Princesa e a Ervilha.

6.4. Carroll e Collodi: o "fantástico absurdo"

Na segunda metade do século XIX, os contos de fadas começam novo ciclo. Em lugar do sobrenatural, o *nonsense* de base racionalista. O principal representante desta nova escola é Lewis Carroll, a partir do livro "Alice no País das Maravilhas", de 1865. Outro que obteve êxito em fundir o maravilhoso com o racionalismo foi o italiano Carlo Callodi, que em 1883

publicou "Pinóquio", um dos maiores sucessos da literatura infantil mundial. É ali que surge não somente o boneco cujo sonho era se transformar em gente, mas a *Fada Azul*, uma benfeitora mágica capaz de transformar sonhos em realidade.

Exercício:

➤ **Vamos praticar o humor surdo?**

A seguir apresentamos algumas histórias engradadas (Contada em LIBRAS pel@ Professor@), e assim nos divertiremos muito. Vamos Lá!

➤ **A árvore surda**

➤ **Surdo viajante**

➤ **A carona**

Referências Bibliográficas

COSTA, Marisa V. Estudos Culturais em Educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema... Porto Alegre: UFRGS, 2000.

HESSEL, Carolina, ROSA, Fabiano, KARNOPP, L. B. Cinderela Surda. Canoas: ULBRA, 2003.

KARNOPP, L. B. . Comunidade de surdos: contribuições para a educação. In: III Encuentro Internacional de Investigadores de Políticas Lingüísticas, 2007, Córdoba. III Encuentro Internacional de Investigadores de Políticas Lingüísticas. Córdoba: Secretaria de Extensión y Relaciones Internacionales, 2007. p. 119-122.

KARNOPP, L. B.; MACHADO, Rodrigo Nogueira . Literatura Surda: ver histórias em língua de sinais. In: 2 Seminário Brasileiro de Estudos Culturais em Educação, 2006, Canoas. 2 SBECE. Canoas: ULBRA, 2006. p. 1-13.

QUADROS, Ronice Muller e SUTTON-SPENCE Raquel. (2006). Poesia em língua de sinais: traços da identidade surda. In: QUADROS, Ronice Muller (org.). Estudos Surdos I. Petrópolis: Arara Azul, p 111. Também disponível em: <http://www.editora-araraazul.com.br/ParteA.pdf>

ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir. Adão e Eva. Ilustrações de Maristela Alano. Canoas: ULBRA, 2005.

ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir. Patinho Surdo. Ilustrações de Maristela Alano. Canoas: ULBRA, 2005.

SILVEIRA, Carolina Hessel, ROSA, Fabiano, KARNOPP, L. B. Rapunzel Surda. Canoas: ULBRA, 2003 p.36.

SILVEIRA, Rosa H. Contando histórias sobre surdos(as) e surdez. In: COSTA, M. (org.). Estudos Culturais em Educação. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2000.

GOODMAN, Y. (org). *Como as Crianças Constroem a Leitura e a Escrita*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.

WILLIAMS, C.L.; MCLEAN, M.M. *Young deaf children's response to Picture book reading in a preschool setting: research in the teaching of english*. [S.l.: s.n.], 1997.

Hino Nacional

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante,
E o sol da liberdade, em raios fúlgidos,
Brilhou no céu da pátria nesse instante.

Se o penhor dessa igualdade
Conseguimos conquistar com braço forte,
Em teu seio, ó liberdade,
Desafia o nosso peito a própria morte!

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vívido
De amor e de esperança à terra desce,
Se em teu formoso céu, risonho e límpido,
A imagem do Cruzeiro resplandece.

Gigante pela própria natureza,
És belo, és forte, impávido colosso,
E o teu futuro espelha essa grandeza.

Terra adorada,
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!
Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada, Brasil!

Deitado eternamente em berço esplêndido,
Ao som do mar e à luz do céu profundo,
Fulguras, ó Brasil, florão da América,
Iluminado ao sol do Novo Mundo!

Do que a terra, mais garrida,
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores;
"Nossos bosques têm mais vida",
"Nossa vida" no teu seio "mais amores."

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja símbolo
O lábaro que ostentas estrelado,
E diga o verde-louro dessa flâmula
- "Paz no futuro e glória no passado."

Mas, se ergues da justiça a clava forte,
Verás que um filho teu não foge à luta,
Nem teme, quem te adora, a própria morte.

Terra adorada,
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!
Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada, Brasil!

Hino do Estado do Ceará

Poesia de Thomaz Lopes
Música de Alberto Nepomuceno
Terra do sol, do amor, terra da luz!
Soa o clarim que tua glória conta!
Terra, o teu nome a fama aos céus remonta
Em clarão que seduz!
Nome que brilha esplêndido luzeiro
Nos fulvos braços de ouro do cruzeiro!

Mudem-se em flor as pedras dos caminhos!
Chuvas de prata rolem das estrelas...
E despertando, deslumbrada, ao vê-las
Ressoa a voz dos ninhos...
Há de florar nas rosas e nos cravos
Rubros o sangue ardente dos escravos.
Seja teu verbo a voz do coração,
Verbo de paz e amor do Sul ao Norte!
Ruja teu peito em luta contra a morte,
Acordando a amplidão.
Peito que deu alívio a quem sofria
E foi o sol iluminando o dia!

Tua jangada afoita enfune o pano!
Vento feliz conduza a vela ousada!
Que importa que no seu barco seja um nada
Na vastidão do oceano,
Se à proa vão heróis e marinheiros
E vão no peito corações guerreiros?

Se, nós te amamos, em aventuras e mágoas!
Porque esse chão que embebe a água dos rios
Há de florar em meses, nos estios
E bosques, pelas águas!
Selvas e rios, serras e florestas
Brotem no solo em rumorosas festas!
Abra-se ao vento o teu pendão natal
Sobre as revoltas águas dos teus mares!
E desfraldado diga aos céus e aos mares
A vitória imortal!
Que foi de sangue, em guerras leais e francas,
E foi na paz da cor das hóstias brancas!



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Educação